


Divino, mas criado: Orígenes e a doutrina da geração do Espírito Santo

Divine, yet created: Origen and the doctrine of the generation of the Holy Spirit

Gerson Francisco de Arruda Júnior ^[a] 
Macapá, AP, Brasil
Universidade do Estado do Amapá (UEAP)

Como citar: JÚNIOR, G. F. de A. Divino, mas criado: Orígenes e a doutrina da geração do Espírito Santo. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 01, p. 127-137, jan./abr. 2025. DOI: doi.org/10.7213/2175-1838.17.001.DS08

Resumo

O tema central do presente artigo gira em torno da heterodoxa doutrina da geração do Espírito Santo, tal como ela foi defendida por Orígenes de Alexandria. O objetivo principal do artigo é apresentar a argumentação de Orígenes sobre esse tema, destacando a sua importância no desenvolvimento da pneumatologia cristã. Para tanto, consideraremos, inicialmente, a importância da pneumatologia no pensamento de Orígenes, e, em seguida, apresentaremos os seus argumentos para essa doutrina, sobretudo os encontrados na obra *Comentário ao Evangelho de João*.

Palavras-chave: Orígenes. Geração. Espírito Santo. Trindade.

Abstract

*The central theme of the present article revolves around the heterodox doctrine of the generation of the Holy Spirit, as defended by Origen of Alexandria. The main objective of the article is to present Origen's arguments on this topic, highlighting its importance in the development of Christian pneumatology. To this end, we will initially consider the importance of pneumatology in Origen's thought and then present his arguments for this doctrine, especially those found in the work *Commentary on the Gospel of John*.*

Keywords: Origen. Generation. Holy Spirit. Trinity.

[a] Doutor em Filosofia. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amapá, e-mail: gerson.junior@ueap.edu.br

Introdução

Apesar de ter sido um dos teólogos mais influentes da Igreja Primitiva, muitas posições teológicas e doutrinárias de Orígenes não só causaram sérias controvérsias no seio da Igreja, como também foram consideradas heréticas por muitos. Sua ênfase na hermenêutica alegórica, a doutrina da apocatástase e a afirmação da preexistência das almas são alguns exemplos dessas doutrinas que tornam o discípulo mais expressivo de Clemente não muito ortodoxo, se considerarmos o desenvolvimento da teologia cristã ao longo dos séculos¹.

Contudo, é no campo da pneumatologia que encontramos uma das posições mais problemáticas de Orígenes, que ficou conhecida como a doutrina da geração do Espírito Santo. Na verdade, a pneumatologia cristã tem sido alvo de diversas controvérsias teológicas ao longo da história da Igreja². Essas polêmicas envolvem, sobretudo, mas não exclusivamente, questões sobre a natureza, personalidade e papel do Espírito Santo na Trindade e na salvação dos homens. Quanto a isso, convém notar que, qualquer investigação acerca da pneumatologia de Orígenes deverá ser tratada dentro do contexto maior de sua compreensão do ser de Deus e da Trindade. Como se sabe, Orígenes foi um dos primeiros teólogos cristãos a elaborar ou mesmo propor uma formulação sistemática da doutrina da Trindade. Porém, a sua concepção acerca da relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo não se alinha de todo com as posições ortodoxas cristãs, que posteriormente foram afirmadas, tais como a de Santo Agostinho e a dos grandes concílios da Igreja.

A temática central deste artigo é a doutrina da geração do Espírito Santo, tal como ela foi apresentada e defendida por Orígenes. Em tese, essa doutrina defende a ideia segundo a qual o Espírito Santo, que é considerado divino pela ortodoxia cristã, é, também, uma parte da criação. Sendo assim, o objetivo do presente texto, portanto, é apresentar a argumentação de Orígenes sobre esse tema, reconhecendo a sua importância no desenvolvimento da pneumatologia cristã³. Para isso, iremos, inicialmente, considerar a importância da pneumatologia no pensamento de Orígenes, de um modo geral, e, em seguida, trataremos das ponderações sobre o assunto feitas em suas obras, sobretudo no seu famoso *Comentário ao Evangelho de João*. O artigo encerra-se com algumas considerações finais sobre essa temática.

Aspectos pneumatológicos do pensamento teológico de Orígenes

A ideia de que o pensamento teológico de Orígenes carece de uma pneumatologia ou que seu sistema teológico poderia operar sem a ação do Espírito Santo é defendida por alguns estudiosos⁴. No entanto, tal posição pode ser contestada, pois, em seus escritos, Orígenes apresenta uma compreensão complexa e substancial da pessoa e obra do Espírito Santo, cuja compreensão tem um papel fundamental em todo o seu sistema teológico, especialmente no que se refere à salvação, à relação entre a Trindade, à criação e à redenção humana⁵.

Contudo, importa destacar que, como muitas outras doutrinas, a pneumatologia de Orígenes não é totalmente sistemática ou clara em suas formulações. Aliás, durante a Patrística é difícil encontrar sistemas teológicos organizados, como vemos em épocas posteriores. Porém, como é óbvio, isso não impediu que Orígenes desse grande atenção à pessoa e obra do Espírito Santo dentro de seu arcabouço teológico, especialmente em temáticas como a Trindade, salvação, vida cristã, etc.

¹ Para uma excelente introdução ao pensamento teológico de Orígenes, Cf. THERRIEN, Mark E. *Cross and creation: a theological introduction to Origen of Alexandria*. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2022; e também: MCGUCKIN, John Anthony. *Origen of Alexandria: master theologian of the early church*. New York: Lexington books, 2022.

² Sobre isso, cf. FÉLIX, Elcio Rubens Mota. A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo no século IV (d.C.). *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 20, n. 80, p. 11-118, out/dez, 2012.

³ Para um maior detalhamento, cf. BARNES, Michel René. The Beginning and End of Early Christian Pneumatology. *Augustinian Studies*, Virginia, 39, 2, p. 169-186, 2008.

⁴ Cf., TITE, Philip. The Holy Spirit's Role in Origen's Trinitarian System: A Comparison with Valentinian Pneumatology. *Theoforum*, Leuven, 32, p. 131-164, 2001.

⁵ Cf. MILLER, Micah M. *Origen of Alexandria and the Theology of the Holy Spirit*. New York: Oxford University Press, 2024.

Em primeiro lugar, ainda que a sua compreensão da relação entre as três pessoas da divindade fosse um tanto que diferente de formulações trinitárias posteriores, para Orígenes, a Trindade é composta pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo. Nas relações intratrinitárias, porém, Orígenes acreditava que o Espírito Santo é o mediador entre o transcendente Deus e a criação. Ou seja, ele é a instância que permite que a presença de Deus se torne acessível aos seres humanos, ligando o mundo divino ao mundo material. E não só. O Espírito age como sustentador e mantenedor do universo. Ele é, por assim dizer, o sustentador da ordem cósmica, assegurando que o mundo criado esteja em harmonia com o plano divino.

Em segundo lugar, Orígenes associa essa presença do Espírito Santo na Trindade com o papel por ele desempenhado na economia da salvação. Do seu ponto de vista, o Espírito Santo é um dos elementos essenciais para a salvação da humanidade. Sem a ação do Espírito, não há salvação, pois é ele quem age no convencimento e capacitação dos cristãos para alcançarem a salvação. De fato, ele é o instrumento divino para iluminar, purificar e operar a regeneração e a transformação necessárias para a salvação.

Em suas considerações sobre a vida cristã, em terceiro lugar, Orígenes admite que é o Espírito quem guia e fortalece cada crente para seguir firme no caminho da renúncia e da santidade. De fato, o discípulo de Clemente enfatiza a real presença do Espírito na vida do crente, como algo necessário para o seu crescimento e espiritual, e para que cada filho de Deus se tornando mais semelhante a Cristo e cumpra a sua vocação como filhos da luz. É o Espírito Santo que capacita o crente a viver uma vida virtuosa, proporcionando-lhe a força necessária para essas práticas espirituais.

Em quarto lugar, Orígenes não só enxerga o Espírito Santo como fundamental para a vida individual, mas, e sobretudo, para a vida dos crentes enquanto membros do corpo de Cristo, a Igreja. Ele é o elo que une os membros nesse único corpo, mantendo a unidade e permitindo-lhes viver em comunidade e alcançar a salvação coletiva.

Por fim, pode-se ainda destacar o reconhecimento de Orígenes quanto ao papel do Espírito Santo na revelação divina através das Escrituras. Para ele, o Espírito é quem de fato inspirou os profetas e apóstolos a escreverem as Escrituras, e também quem ilumina a mente dos leitores para que compreendam a verdadeira mensagem de Deus. Isso tem uma implicação direta no seu modelo hermenêutico, a saber, o método alegórico de interpretação das Escrituras, pois ele acreditava que o Espírito guia o intérprete na busca pela verdade mais profunda contida nos textos sagrados.

Essas considerações já indicam a ênfase de Orígenes nas funções e atividades do Espírito Santo nas relações entre Deus e os homens. Na verdade, isso fazia parte do arcabouço teológico dos pensadores e filósofos cristãos nos primeiros séculos da Era Cristã (Swete, 1997). Contudo, diferente de muitos deles, Orígenes admite todos esses aspectos pneumatológicos à custa de uma compreensão complexa e heterodoxa acerca da origem do Espírito Santo. Do seu ponto de vista, o Espírito Santo faz parte da criação, sendo, portanto, gerado pelo Filho.

Antes de tratarmos dos argumentos de Orígenes acerca da geração do Espírito Santo, convém destacar um ponto importante em suas pneumatologia: a relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Ele, na verdade, defende a ideia de que há uma relação de dependência do Espírito em relação ao Pai e ao Filho, tanto em essência quanto em atributos. Isso, como é evidente, torna o Espírito inferior ao Pai e ao Filho.

Para fundamentar essa sua interpretação, Orígenes nos remete ao texto de João 1.3: “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez”. Em sua interpretação desse texto, ele inclui o Espírito Santo entre as “todas as coisas” que foram criadas pela Palavra. Ainda que essa interpretação não deixe claro que há uma distinção entre o Espírito e as demais criaturas, Orígenes é enfático em admitir que Espírito Santo está *entre* as coisas criadas, mas *acima* de todas elas. Na verdade, se considerarmos o cômputo total de sua obra, não demorará para percebermos que ele considera o Espírito como um dos elementos de um conjunto composto pelo Pai e Filho, sendo, exatamente, o terceiro dentro de uma hierarquia abaixo deles, mas distinto, juntamente com eles, de todas as demais coisas existentes.

Para ratificar essa distinção entre, por um lado, as três pessoas da divindade, e, por outro lado, as demais criaturas, Orígenes usa basicamente três lances de argumentação: *primeiro*, ele destaca a transcendência do Pai,

Filho e Espírito em relação à criação; *segundo*, ele mostra que os três possuem certas características e operação que os seres criados não possuem; e *terceiro*, ele retrata os três como realizando uma atividade em conjunto que não poderia, sob qualquer hipótese, ser realizada sem qualquer um dos três.

No *Comentário ao Evangelho de João* 13.15, Orígenes fala sobre a posição do Pai, do Filho e do Espírito Santo em relação a todos os outros seres criados. Para ele, o Filho e o Espírito Santo estão acima de todas as coisas criadas, mas não por mera consideração, e sim por real superioridade, sendo ambos apenas superado pelo Pai. Repare-se que Orígenes de certa forma nivela o Filho e o Espírito Santo, e os separa da criação devido à sua transcendência sobre todas as coisas criadas.

Em várias outras ocasiões de seus escritos, Orígenes defende a transcendência do Filhos e do Espírito. Por exemplo, na seção 1.3.4 do *Tratado sobre os Princípios*, ele apresenta o Filho e o Espírito Santo como dois serafins – considerados como os serafins de Isaías 6.2, que possuem e, subsequentemente, compartilham um conhecimento de Deus, o Pai, que os separa de todas as outras coisas. Ao conceber o Filho e o Espírito como serafins, Orígenes estabelece que o Filho e o Espírito Santo possuem um conhecimento especial de Deus. E mais. À eles é dada a incumbência de partilhar esse conhecimento com outros seres. Sim, do seu ponto de vista, conforme as seções 1.34 e 4.3.14 do *Tratado sobre os Princípios*, o Filho e o Espírito são os únicos seres capazes de revelar o Pai, porque somente eles possuem um conhecimento especial dele. Ao estabelecer o Filho e o Espírito Santo meios de revelação do Pai, Orígenes diferencia o Pai, o Filho e o Espírito Santo de todos os outros seres.

A partir dessas ponderações, já se verifica que a compreensão de Orígenes das pessoas da divindade se mostra complexa. No entanto, tais afirmações não são tão controversas quanto o é afirmação e a argumentação de que o Espírito Santo foi gerado.

Os argumentos de Orígenes sobre a geração do Espírito Santo

Embora trate sobre o Espírito Santo em muitas partes de suas obras, Orígenes discute diretamente a doutrina da geração do Espírito Santo em apenas três momentos específicos. São eles: a seção 4 do prefácio e a seção 1.3.3 do *Tratado sobre os Princípios*; e o *Comentário ao Evangelho de João*, especificamente a seção 2.73–88.

Em tese, a exegese apresentada por Orígenes em seu *Comentário ao Evangelho de João* apenas desenvolve o que ele já tinha pontuado no *Tratado sobre os Princípios*. O que encontramos no *Comentário* é, portanto, uma posição teológica madura de Orígenes sobre a doutrina da geração do Espírito, que reflete sua preocupação com as teologias Monarquianista e Valentiana⁶, as quais são, num certo sentido, o pano de fundo para a compreensão de suas ideias sobre a geração do Espírito. Contra essas duas posições, além de não confundir o Espírito com o Pai e o Filho, Orígenes defende a individualidade do Espírito, descrevendo-o como possuindo sua própria *hipóstase*, isto é, sendo uma substância espiritual, que subsiste e existe individualmente.

A seção 4 do prefácio do *Tratado sobre os Princípios*, Orígenes evidencia que não está claro como o Espírito Santo foi gerado, e remete o tema à categoria de ensinamentos que precisam ser investigados. Em suas próprias palavras:

[...] os apóstolos nos transmitiram o ensinamento sobre o Espírito Santo, associado ao Pai e ao Filho em honra e em dignidade; a seu respeito não se distingue claramente se o Espírito é gerado ou inato, e se também devemos considerá-lo ou não como Filho de Deus; são coisas que devemos investigar na Sagrada Escritura, e, na medida das nossas forças, procurá-las com perspicácia. É certo, porém, que a Igreja prega de modo muito claro que o Espírito Santo inspirou cada um dos santos, dos profetas e dos apóstolos, e que ele, o inspirador depois da vinda de Cristo, é o mesmo que inspirou os Antigos.

⁶ Quanto às crenças monarquianistas e valentinianas, cf. DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Trad. de Víctor Abelardo Martínez de Lopera. Barcelona: Editorial Herder, 1994, p. 121 – 134.

A afirmação de que o Espírito Santo está “associado ao Pai e ao Filho em honra e em dignidade” estão em total harmonia com outras declarações de Orígenes que agrupam o Pai, o Filho e o Espírito Santo num único domínio distinto das criaturas. Contudo, o restante da citação deixa claro que, para ele, a geração e o *status* do Espírito são questões que, na ocasião, ainda eram indefinidas, e que, por isso mesmo, precisavam ser melhor investigadas.

Na seção 1.3.3 do *Tratado sobre os Princípios*, ele avança no interesse sobre a questão e afirma que:

Mas, até o presente, não podemos encontrar nas Santas Escrituras nenhuma palavra dizendo que o Espírito Santo fosse feito ou criado, nem sequer daquele modo que acima ensinamos. Salomão falou da Sabedoria, ou, segundo as explicações que nós demos, da Vida, da Palavra e das outras denominações do Filho de Deus. O Espírito de Deus que se movia sobre as águas no princípio da criação do mundo, tal como está escrito, não creio que seja outro senão o Espírito Santo, tal como posso compreender, e mostramos ao expor essa passagem não conforme à narrativa, mas segundo a compreensão espiritual.

Vemos, assim, que, nesse primeiro momento, Orígenes ainda não tinha discernido bem as respostas acerca da geração do Espírito Santo. Aliás, quanto a isso, não é descabido dizer que ele, e nenhum dos seus contemporâneos, tinha o discernimento pleno acerca dessa temática. No caso de Orígenes, isso só viria com o seu *Comentário ao Evangelho de João*.

A explicação de Orígenes sobre a geração do Espírito Santo no *Comentário ao Evangelho de João*, seção 2.73–88, sugere que ele encontrou, por assim dizer, as bases bíblicas que estava procurando no *Tratado sobre os Princípios* para estabelecer como o Espírito Santo foi gerado. Em sua exegese de João 1.3, Orígenes enumera quatro possibilidades diferentes sobre como o Espírito foi gerado. Três delas claramente refletem posições teológicas contra as quais Orígenes militava. A mais expressiva delas, talvez, tenha sido a posição monarquianista, que em suas várias versões ou igualavam o Pai e o Filho ou os distinguiam, mantendo a ideia de uma única substância divina.

Eis as quatro possibilidades acerca da geração do Espírito Santo:

1. O Espírito Santo foi trazido à existência por meio do Verbo. Isso sugere que o Espírito Santo, assim como toda a criação, se origina pela ação do *Logos*, o Verbo divino. Sendo assim, apesar de fazer parte da economia divina, é um ser criado que veio à existência por meio do Verbo.

2. O Espírito Santo é ingênito. Desse ponto de vista, o Espírito Santo é considerado não criado ou eterno, sem origem. Isso se alinha ao pensamento monarquianista, que vê o Pai como o único verdadeiramente ingênito e, por extensão, o Espírito também poderia ser ingênito.

3. O Espírito Santo compartilha a mesma substância do Pai e do Filho. Essa posição indica que o Espírito Santo é da mesma essência ou substância (*ousia*) que o Pai e o Filho, ainda que distinto em pessoa. Isso se alinha com a teologia trinitária que mais tarde seria articulada de forma mais completa, por exemplo, no Credo Niceno.

4. O Espírito Santo compartilha a mesma substância do Pai, mas o Filho é de substância diferente. Essa posição se alinha com algumas formas de monarquianismo, nas quais o Pai e o Espírito são vistos como uma substância, mas o Filho, embora divino, é distinto em essência. Essa posição evita o extremo do patripassianismo (a crença de que o Pai sofreu como o Filho), mas ainda mantém uma forma de unitarismo, pois o Pai e o Espírito são identificados na essência.

Um dado que não podemos perder de vista é que o monarquianismo é o pano de fundo chave para entender três das posições que Orígenes critica. As primeiras abordagens monarquianistas acreditavam na unidade estrita entre o Pai e o Filho, frequentemente identificando-os como o mesmo ser. Já monarquianistas posteriores, como os da tradição romana, adotaram uma abordagem ligeiramente diferente, distinguindo o Pai e o Filho para evitar a acusação de patripassianismo, mas ainda mantendo que ambos eram um em substância.

A quarta visão na lista de possibilidades elencada por Orígenes, ou seja, a crença de que o Espírito é o mesmo que o Pai, mas o Filho é uma substância diferente, pode ser concebida como uma posição monarquianista também, que defende uma concepção de que o Espírito é indistinguível do Pai, enquanto o Filho é visto como

uma figura divina separada, mas relacionada. Essa visão sustenta que o Espírito é essencialmente o mesmo que o Pai, o que poderia apoiar a segunda e a terceira possibilidades listadas por Orígenes, dependendo de como se entende o relacionamento entre o Pai e o Espírito.

Dessas quatro possibilidades, como fica inferido, Orígenes opta pela primeira delas. Em suas próprias palavras, na seção 2.77 do *Comentário ao Evangelho de João*:

Nós, por outro lado, estamos convencidos de que existem três hipóstases, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e acreditamos que ninguém é ingênito, exceto o Pai. Aceitamos como mais piedosa e verdadeira, visto que todas as coisas vieram à existência por meio do Logos, que o Espírito Santo é mais honrado do que todas as coisas e ocupa o primeiro lugar entre todas as coisas que vieram à existência pelo Pai por meio de Cristo. E talvez seja por isso que ele não recebe também o nome de Filho de Deus, visto que o Filho é aquele que tem uma origem única desde o princípio.

É importante notar que Orígenes mantém que o Espírito Santo tem sua própria *hipóstase*⁷, garantindo sua distinção entre as *hipóstases* separadas do Pai e do Filho, diante de seus oponentes monarquianistas, que as confundem. Orígenes distingue o Espírito Santo do Pai e do Filho, descrevendo, como já visto, a geração do Espírito nos termos utilizados em João 1.3. De fato, ele afirma que qualquer pessoa que admita a verdade de João 1.3 e acredite que o Espírito Santo tem uma origem é forçado a acreditar que o Espírito Santo deve sua existência ao Pai, por meio do Filho. Para Orígenes, essa é a única possibilidade lógica. Isso faz com que o Espírito seja uma das “todas as coisas” que vieram à existência por meio do Filho. Em outras palavras, Orígenes assevera que o Espírito veio à existência por meio do *Logos*, ou melhor, ele veio à existência pelo Pai, por meio do Filho. Como o Espírito Santo está incluído nas “todas as coisas” que vieram à existência por meio do Filho, Orígenes descreve a geração do Espírito da mesma maneira que descreve a criação de todas as coisas.

Uma nota de valor central nessa interpretação de Orígenes, é o ponto exegético por ele ressaltado na seção 2.70 do *Comentário ao Evangelho de João*: “a frase ‘por meio de quem’ nunca ocupa o primeiro lugar, mas sempre o segundo”. Com isso, ele deixa ainda mais claro que “Se todas as coisas foram feitas *por meio do Logos*, elas não foram feitas *pelo Logos*, mas por um ser mais excelente e maior do que o *Logos*. Mas quem é esse outro ser, a não ser Pai?”. Ou seja, nesse caso, o Pai é concebido e admitido como a *fonte última* de toda a criação, mas tudo cria por meio do Filho, que, nesse sentido, é a causa instrumental e *fonte imediata* da criação.

Isso ocorreu porque, para Orígenes, a expressão “por meio de quem” deve ser entendida como designando a causa instrumental da criação. Nesse caso, o Pai serve como a fonte da atividade criativa do Filho. Aplicando isso à questão da geração do Espírito Santo, o Pai seria a fonte última da geração do Espírito Santo, enquanto o Filho é a fonte intermediária. É dessa forma que, para Orígenes, a existência do Espírito Santo depende do Pai e do Filho. Dessa forma, ele procede do Pai e do Filho.

Para deixar isso mais claro, Orígenes recorre a outro texto bíblico, a saber, o texto de Colossenses 1.16–17, para fundamentar a sua ilação de que “todas as coisas” criadas pelo Filho incluem não apenas o cosmos e as coisas nele existentes, mas também tudo o que existe, “sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele” (Cl 1.16–17). Ao incluir o Espírito Santo entre as “todas as coisas”, a consequência imediata dessa interpretação é que o Espírito Santo é hierarquicamente inferior ao Filho e aparece abaixo dele, uma vez que, de acordo com o texto sob análise, o Filho “é antes de todas as coisas” (Cl 1.17), sendo que essas “todas as coisas” incluem o Espírito Santo. O ponto central da argumentação é simples: se é antes de todas as coisas, então é superior.

A dependência da origem do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho, assim, sugere que o Espírito seja considerado inferior a eles. Avançando em sua argumentação, na seção 2.79 do *Comentário ao Evangelho de*

⁷ Com relação ao conceito de hipóstase em Orígenes, cf. RAMELLI, Ilaria L. E. Origen, Greek Philosophy, and the Birth of the Trinitarian Meaning of Hypostasis. *Harvard Theological Review*, v. 105, 3, p. 302 – 350, 2012.

João, Orígenes se esforça por explicar as supostas passagens bíblicas que parecem colocar o Espírito acima do Filho. Nomeadamente, ele examina três passagens das Escrituras.

Inicialmente, ele considera o texto de Isaías 48.16, o qual julga estar apresentando Cristo como sendo enviado tanto pelo Pai quanto pelo Espírito. Sendo assim, o Pai e o Espírito estão acima de Cristo, como aqueles que o enviam. Porém, Orígenes explica essa passagem dizendo que o envio feito pelo Espírito não deve ser interpretado como uma elevação ou superação da natureza do Espírito, mas como o Filho tendo sido feito menor do que ele devido à economia da encarnação. Quanto a isso, convém destacar uma inflexão pouco conhecida em toda a história da teologia cristã: nesse contexto, Orígenes explica que o Espírito foi inicialmente designado para salvar a humanidade, mas não foi capaz de realizar essa tarefa. Como resultado, o Espírito se junta ao Pai no envio do Filho e promete na hora certa descer ao Filho de Deus e cooperar na salvação dos seres humanos.

A segunda passagem bíblica considerada por Orígenes é Mateus 12.32, que trata sobre a problemática e controversa blasfêmia contra o Espírito Santo. Parafraseando esse texto, a passagem nos diz que a blasfêmia contra Cristo será perdoada, mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada. Orígenes explica que isso ocorre não porque o Espírito é mais honrado do que Cristo, mas porque o Espírito é dado apenas àqueles que são dignos, ao contrário de Cristo, que é dado a todos os seres. De fato, do seu ponto de vista, é razoável que não haja perdão para aqueles que, tendo sido considerados dignos do Espírito Santo, com tal grande cooperação para o bem, ainda assim se afastam e se viram contra os conselhos do Espírito existente.

Em terceiro lugar, Orígenes faz referência à obra *Evangelho dos Hebreus*, onde o Espírito Santo é chamado de “mãe de Cristo”. Ao apresentar o Espírito Santo como “mãe de Cristo”, o texto em apreço denota que o Espírito precede Cristo e o gera de alguma forma. Em suas considerações, Orígenes, lendo o texto de modo alegórico, apela para a passagem de Mateus 12.50, o qual afirma que “Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe”. Com base nesse versículo, Orígenes sugere que é possível se referir ao Espírito como irmão, irmã ou mãe de Cristo, já que o Espírito também faz a vontade do Pai.

Após essas suas considerações, Orígenes continua a sua argumentação para demonstrar que o Espírito não está, de fato, acima do Filho. Ora, se todas as coisas foram feitas através do Filho e o Espírito foi feito através do Verbo, é prudente crer que “todas as coisas” é considerada inferior a ele, mesmo que certas palavras nos conduzam a pensar o oposto. O próprio Orígenes acrescenta explicitamente o que a sua posição teológica implica: o Espírito é inferior ao Verbo. Portanto, ao dizer que o Espírito Santo é feito pelo Pai através do Filho – tal como todos os outros seres criados – Orígenes está a dizer que o Espírito Santo está ontologicamente abaixo do Pai e do Filho. A concepção de Orígenes sobre a geração do Espírito Santo revela que ele distingue o Espírito Santo do Pai e do Filho, tornando, de certa forma, a existência e o ser do Espírito dependentes deles, classificando assim o Espírito abaixo do Pai e do Filho ontologicamente.

Ao abrir-se a essas exposições, Orígenes dá um salto qualitativo e responde as questões indefinidas no *Tratado sobre os Princípios* acerca da geração do Espírito. De acordo com a seção 2.73 do *Comentário ao Evangelho de João*, o Espírito Santo não é impassível como o Pai, nem é um filho de Deus, mas é criado⁸. Além disso, essa reflexão refuta cada uma das três últimas possibilidades listadas na seção 2.73–74 do *Comentário ao Evangelho de João*, com as quais ele discorda.

Orígenes afirma explicitamente que apenas o Pai é impassível e distingue o Espírito do Pai e do Filho de duas maneiras básicas. Por um lado, atribui-se uma existência independente, uma *hipóstase* distinta ao Espírito. Por outro, entende-se que as “todas as coisas” de João 1.3 incluem o Espírito Santo, fazendo com que a geração do Espírito dependa do Pai e do Filho – não se pode depender de outro ser e, ao mesmo tempo, ser um com esse mesmo ser – e, assim, coloca o Espírito abaixo deles.

⁸ Quanto à herança alexandrina dessa tradição por Orígenes, cf. PERRONE, Lorenzo. *Origeniana Octava: Origen and the Alexandrian Tradition*. Leuven: Leuven University Press, 2003.

É fácil de perceber que, até agora, a defesa de Orígenes se concentrou na relação de dependência do Espírito Santo em relação ao Pai, por meio do Filho, e na sua posição inferior em relação a ambos. Contudo, a exposição da ideia da geração do Espírito no *Comentário ao Evangelho de João* é feita de maneira semelhante à dos demais seres, o que sugere que o Espírito se assemelha mais aos seres criados do que propriamente ao Pai e ao Filho. Contudo, uma análise mais abrangente da seção 2.73-88 do *Comentário ao Evangelho de João*, revela que, se, por um lado, Orígenes classifica o Espírito Santo abaixo apenas do Pai e do Filho, por outro lado, ele o coloca ao lado deles, distinto e acima de todos os outros seres.

Para corroborar isso, importa analisar duas expressões empregadas por Orígenes para se referir ao Espírito Santo na seção 2.75 do *Comentário ao Evangelho de João*. Tais expressões são: “mais honrado” do que e da “primeira ordem” de todas as coisas criadas pelo Verbo. A interpretação dessas expressões, à luz do pensamento de Orígenes, denota que o Espírito Santo é o terceiro em hierarquia entre todos os seres, abaixo do Pai e do Filho, mas acima de todas as demais criaturas.

Repare que Orígenes não só afirma que o Espírito é uma das “todas as coisas” que vêm a existir através do Verbo, mas que ele é “mais honrado” em relação todas as coisas criadas. Em outra ocasião, Orígenes denota o Filho como “mais honrado” para afirmar a sua preeminência sobre todos os outros seres divinos. O Filho, com se saber, é o “primogênito de toda a criação” de Deus (Col 1.15), e, por ter sido o primeiro a estar com Deus, absorvendo a divindade, é mais honrado do que os demais deuses ao seu lado. A expressão “mais honrado” destaca o Filho como estando acima de todos os que participam da divindade do Pai. Isso sugere que, ao usar a mesma expressão para o Espírito Santo, Orígenes indica que o Espírito ocupa uma posição superior em relação a todos os seres que foram criados pelo Filho.

Essa compreensão sobre a posição do Espírito em relação aos outros seres criados pelo Pai e através do Filho é confirmada por várias passagens encontradas no *Comentário sobre Romanos*, um dos escritos mais tardios de Orígenes. Na seção 7.1-2 do *Comentário sobre Romanos*, Orígenes afirma: “Penso, portanto, que o próprio espírito principal foi nomeado para que fosse revelado que, de fato, existem muitos espíritos, mas entre eles, este Espírito Santo, também chamado de principal, ocupa o primeiro lugar e domínio”.

Nessa passagem, Orígenes parece agrupar todos os espíritos, mas designa o Espírito Santo como o principal entre eles. Orígenes reafirma essa interpretação em uma exegese apresentada na seção 12.15 do *Comentário sobre Romanos*, na qual ele menciona a expressão “primícias de muitos espíritos”. Duas de suas interpretações para essa expressão estão alinhadas com as suas afirmações do *Comentário sobre Romanos* 7.1.2. Em uma delas, ele ressalta que as primícias do lagar ou da eira são iguais a tudo o que sai da eira ou do lagar. Nesse sentido, indaga ele, não parece razoável dizer que a expressão “primícias do espírito” indica que, entre os muitos espíritos santos e benditos, um deles é o principal?”. Seu ponto de vista é que as primícias do Espírito são semelhantes aos outros espíritos, mas ao mesmo tempo, as primícias se destacam por sua preeminência sobre os outros.

Para Orígenes, as “primícias do Espírito” são equivalentes ao dom do Espírito Santo, o que implica que ele concebe o Espírito Santo como sendo tanto semelhante aos outros espíritos quanto como o cabeça ou líder deles; ou seja, o Espírito Santo é preeminente entre todos os outros seres. Ao categorizar o Espírito Santo entre os outros seres criados pelo Filho, Orígenes confirma sua interpretação de João 1.3, isto é, o Espírito Santo, como um de “todas as coisas”, é criado da mesma forma que todos os outros, através do Filho, mas é preeminente entre todos esses outros seres.

Para indicar a superioridade do Espírito Santo acima de todas as coisas criadas pelo Filho, Orígenes emprega a expressão “primeira ordem” como título do Espírito Santo. Embora essa frase já sugira a preeminência do Espírito, podemos compreendê-la mais profundamente ao analisarmos a pneumatologia de Clemente de Alexandria e sua visão sobre o lugar do Espírito Santo na hierarquia cósmica⁹. Clemente usa o termo

⁹ Sobre essa temática, cf. BUCUR, Bogdan G. Revisiting Christian Oeyen: “The Other Clement” on Father, Son, and the Angelomorphic Spirit. *Vigiliae Christianae*, Leiden, 61, p. 381-413, 2007.

“ordem” para descrever os diferentes níveis de existência dentro dessa hierarquia. Orígenes é um “herdeiro direto” dessa tradição hierárquica.

Para usar o termo de Clemente, o Espírito Santo é um *protocristoi*, isto é, um dos primeiro-criados na hierarquia cósmica. Clemente enumera os *protocristoi*, criados pelo Pai e através do Filho, como sete, mas acrescenta que eles podem ser considerados como um só, devido à sua igualdade e semelhança. A hierarquia de Clemente pode ser imaginada contendo a seguinte ordem: Pai – Filho – *protocristoi* – arcanjos – anjos – homens.

A descrição feita por Orígenes do Espírito Santo como a “primeira ordem” de todas as coisas que surgem através do Filho ganha maior relevância à luz do argumento segundo o qual os sete *protocristoi* representam o Espírito Santo. Orígenes fala diretamente sobre essa multiplicidade do Espírito Santo. Por exemplo, numa de suas homilias, ele comenta o texto de Isaías 4.1: “Sete mulheres, naquele dia, lançarão mão de um homem, dizendo: Nós mesmas do nosso próprio pão nos sustentaremos e do que é nosso nos vestiremos; tão somente queremos ser chamadas pelo teu nome; tira o nosso opróbrio”. Para ele, as “sete mulheres” aqui citadas são uma e única; pois elas são, de fato, o Espírito de Deus. E essas sete são uma porque o Espírito de Deus é “o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor” (Cf. Is 11.2).

De fato, diferentemente de Clemente, Orígenes expande essa tradição ao descrever o Espírito Santo como uma única *hipóstase*, conforme vemos na seção 2.75 do *Comentário ao Evangelho de João*. Ao fazer isso, Orígenes reforça a unidade do Espírito de forma mais ampla do que seu mestre Clemente, que descreve os sete *protocristoi* como sendo *um* devido à unidade, igualdade e semelhança. Embora Orígenes desenvolva essa ideia, ele não hesita em se referir ao Espírito também como sete, como é evidenciado em suas considerações de passagens como as de Isaías acima indicada. Portanto, Orígenes se refere ao Espírito Santo como sendo simultaneamente *um* e *sete*.

Quanto a isso, convém destacar que, para Clemente, os *protocristoi*, que representam o Espírito Santo, foram criados pelo Pai através do Filho. E, embora ocupem uma posição hierárquica abaixo do Pai e do Filho, ele é colocado acima de todos os outros seres criados. Semelhantemente, embora colocado abaixo do Pai e do Filho, Orígenes também concebe o Espírito Santo acima de todas as outras ordens de seres criados, nomeadamente, na terceira escala da hierarquia cósmica.

As duas expressões que Orígenes emprega para se referir ao Espírito Santo na seção 2.75 do *Comentário ao Evangelho de João* não o retratam como algo distinto de todos os outros seres que foram criados pelo Filho, pois o Espírito permanece entre eles. Em vez disso, o Espírito é visto como “mais honrado” do que eles e a “primeira ordem” deles. As duas frases usadas por Orígenes, portanto, continuam a caracterizar o Espírito Santo como o mesmo que todos os outros seres na medida em que todos são trazidos à existência da mesma maneira, mas também posicionam o Espírito Santo firmemente acima de todos os outros seres.

Em suma, se, por um lado, Orígenes reivindica a presença do Espírito Santo no seio da Trindade, fazendo parte de uma esfera, digamos, divina, por outro lado, esse mesmo Espírito deve a sua existência aos dois outros seres dessa esfera, sendo distinta das demais criaturas criadas apenas por gozar de certos status e ser o terceiro ser na escala hierárquica. Nada disso se alinha com a ortodoxia cristã afirmada, defendida e ensinada nos círculos teológicos.

Considerações finais

A pneumatologia marca profundamente todo o pensamento de Orígenes. Embora ela não seja tão plenamente desenvolvida quanto a de teólogos posteriores, como Agostinho, é evidente que o Espírito Santo desempenha um papel essencial em seu sistema teológico. O Espírito Santo é fundamental na compreensão de Orígenes sobre aspectos básicos da teologia cristã como a salvação, regeneração, inspiração das Escrituras, a santificação individuais dos crentes, bem como sua ação na vida da Igreja.

De fato, a sua teologia não pode ser concebida de forma independente do Espírito Santo. Pelo contrário, o Espírito é uma parte central e indispensável de sua visão teológica, e a alegação de que seu sistema poderia funcionar sem o Espírito negligencia o papel fundamental que o Espírito exerce nos planos divinos e humanos. Esse argumento refuta a ideia de que Orígenes carece de uma pneumatologia, demonstrando que sua pneumatologia é, na verdade, um alicerce crucial para seu sistema teológico mais amplo.

Contudo, a sua visão sobre o Espírito difere, em essência, de formulações cristãs posteriores, especialmente no que se refere à relação entre o Pai, o Filho e o Espírito. Rigorosamente falando, apesar de ser um dos sistematizadores da doutrina da Trindade, há uma grande inconsistência na concepção de Orígenes acerca do Espírito Santo. Ele é acusado de não ser um trinitário, por negar certos atributos divinos ao Espírito Santo. No geral, ele é acusado de ser um binitário. Contudo, se considerarmos suas posições sobre o Filho, também veremos que, quanto a isso, ele também não se enquadra nos parâmetros da ortodoxia doutrinária que posteriormente foi afirmada e estabelecida.

Apesar disso tudo, vemos que todas essas discussões que Orígenes faz sobre a origem do Espírito Santo ajudou, e muito, a não somente proporcionar um avanço qualitativo nas sistematizações dessas questões, como também fortaleceu a luta cristã contra várias heresias nas controvérsias trinitárias. Isso pode ser visto quando comparamos tais posições às de seu mestre Clemente. Porém, o maior ganho talvez tenha sido o fato de que Orígenes, e boa parte dos teólogos alexandrinos, fomentou e pavimentou o caminho para as reflexões e estabelecimento das concepções ortodoxas posteriores. Nesse sentido, é impossível falar de ortodoxia patrística sem rememorar a contribuição – ainda que heterodoxa –, de Orígenes. Na verdade, para ser mais honesto, todos lhe pagam tributo.

Embora tenha sido notável por sua erudição e profundidade teológica, Orígenes não foi canonizado pela Igreja Católica devido, claro, a algumas de suas posturas teológicas e doutrinárias que foram posteriormente consideradas heréticas. Entre elas, encontra-se a doutrina da geração do Espírito Santo. Contudo, esse fato nos ensina que, contrariamente ao que muitos creem, as doutrinas cristãs não nasceram prontas. Se hoje temos uma ortodoxia cristã estabelecida, no caso aqui sobre a Trindade, não há dúvidas de que isso foi fruto de um processo de ajuste doutrinal que, muitas vezes, custou a canonização de pessoas relevantes como Orígenes.

O que talvez seja mais relevante em tudo isso, é que, as vezes, é preciso arriscar e errar para que outros acertem. Orígenes sempre foi honesto em admitir várias vezes que, em sua época, os pontos da pneumatologia não estavam tão claros e nem eram tão evidentes, o que implicou em muitos equívocos. A julgar pelo seu contexto, é certo afirmarmos que ele arriscou formular doutrinas numa época em que se precisava de uma maior luz. Ele tentou trazer essa luz, e, de fato, a trouxe; e, apesar de opaca, ela foi necessária para aprofundamento e melhor elaboração das concepções teológicas. Se hoje compreendemos a doutrina do Espírito Santo, devemos muito a Orígenes, apesar de todos os seus erros e equívocos.

Referências

- BARNES, Michel René. The Beginning and End of Early Christian Pneumatology. *Augustinian Studies*, Virginia, 39, 2, p. 169–186, 2008.
- BUCUR, Bogdan G. Revisiting Christian Oeyen: “The Other Clement” on Father, Son, and the Angelomorphic Spirit. *Vigiliae Christianae*, Leiden, 61, p. 381-413, 2007.
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrología*. Trad. de Víctor Abelardo Martínez de Lopera. Barcelona: Editorial Herder, 1994.
- FÉLIX, Élcio Rubens Mota. A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo no século IV (d.C.). *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 20, n. 80, p. 11-118, out/dez, 2012.
- MCGUCKIN, John Anthony. *Origen of Alexandria: master theologian of the early church*. New York: Lexington books, 2022.
- MILLER, Micah M. *Origen of Alexandria and the Theology of the Holy Spirit*. New York: Oxford University Press, 2024.
- ORÍGENES. *Comentário ao Evangelho de João*. Trad. de Bortolo Agostini. São Paulo: Edições História Magna, 2022.
- ORÍGENES. *The Complete Works of Origen*. Toronto: Published Toronto, 2016.
- ORÍGENES. *Tratado sobre os Princípios*. Trad. de João Eduardo Pinto Basto Lupi. São Paulo: Paulus, 2012. (Patrística, 30).
- PERRONE, Lorenzo. *Origeniana Octava: Origen and the Alexandrian Tradition*. Leuven: Leuven University Press, 2003.
- RAMELLI, Ilaria L. E. Origen, Greek Philosophy, and the Birth of the Trinitarian Meaning of Hypostasis. *Harvard Theological Review*, v. 105, 3, p. 302 – 350, 2012.
- SWETE, Henry. *The Holy Spirit in the Ancient Church: A Study of Christian Teaching in the Age of the Fathers*. London: MacMillan, 1997.
- THERRIEN, MARK E. *Cross and creation: a theological introduction to Origen of Alexandria*. Washington, D.C: The Catholic University of America Press, 2022.
- TITE, Philip. The Holy Spirit’s Role in Origen’s Trinitarian System: A Comparison with Valentinian Pneumatology. *Theoforum*, Leuven, 32, p. 131–164, 2001.

Editor responsável: Waldir Souza

RECEBIDO: 24/11/2024
APROVADO: 04/04/2025
PUBLICADO: 30/04/2025

RECEIVED: 11/24/2024
APPROVED: 04/04/2025
PUBLISHED: 04/30/2025